INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GÊNEROS TEXTUAIS
(Bloco II)

Vânia Araújo

ARTIGO DE OPINIÃO (MATÉRIA ASSINADA ou COLUNA)

É um texto dissertativo de cunho jornalístico, que se caracteriza pela exposição clara da opinião do autor acerca de determinado assunto.

Características do artigo:

- Contém um título polêmico ou provocador.
- Tem estrutura formal: **introdução** (exposição), **desenvolvimento** (interpretação das informações) e **conclusão** (opinião).
- Tem predomínio de verbos no presente do indicativo.
- Faculta o uso de linguagem objetiva (em 3ª pessoa) ou subjetiva (em 1ª pessoa).

PROCEDIMENTOS ARGUMENTATIVOS DO ARTIGO:

- Estabelece relações de causa e consequência entre os fatos;
- Faz comparações entre épocas e lugares;
- Pode fazer um retrocesso por meio da narração de um fato;
- Facilita a interação com o leitor;
- Pode conter afirmações radicais (ou frases de efeito);
- Pode trazer a antecipação de uma possível crítica do leitor, com o propósito de construir antecipadamente os contra-argumentos.

O discurso que procura limitar a atuação dos movimentos de defesa dos direitos humanos a uma questão policial carrega grande distorção. Muitos acabam sem responder a uma indagação que amiúde surge na boca daqueles que pretendem esvaziar o discurso acerca dos direitos humanos: “e os direitos humanos da vítima?” Parece até que existem duas espécies de direitos humanos: o dos marginalizados e o das vítimas. Direitos humanos constituem um instrumento forjado para defender a pessoa humana de modo geral e não, apenas, um indivíduo qualquer, seja ele criminoso, seja ele vítima de crimes. A violação dos direitos humanos dissemina-se não só por meio das transgressões à lei, mas também pelo exercício abusivo do poder político e do poder econômico. A violação de um direito, seja ele de uma pessoa, seja de um grupo de pessoas, está permanente e estruturalmente subordinada ao autor da violação, mas não se deve esquecer de que há fatores sociais e econômicos envolvidos na questão.

Maurício José Nardini. *Papel do ministério público na promoção dos direitos humanos.* Internet: <www.drmaycon.hpg.ig.com.br> (com adaptações).

EDITORIAL

- ✓ É um texto dissertativo que manifesta a opinião de um jornal ou revista a respeito dos assuntos da atualidade (quase sempre polêmicos),com a intenção de esclarecer ou alterar pontos de vista dos leitores, alertar a sociedade e, às vezes, até mobilizá-la.
- ✓ O editorial, como texto argumentativo que é, tem por finalidade persuadir o leitor e, por isso, precisa dar a impressão de que detém a verdade. Para isso, precisa evitar as opiniões extremamente pessoais ou as afirmações generalizantes e sem fundamento.
- ✓ No desenvolvimento das ideias de um editorial, os recursos empregados para dar maior consistência ao texto e aproximá-lo da verdade são exemplos, depoimentos, dados estatísticos, pesquisas, comparações ou relações de causa e efeito.

A decisão do governo estadual de fechar escolas rurais com reduzido número de alunos provocou imediata reação das comunidades atingidas e deflagrou uma polêmica nos meios educacionais. Deve o Estado continuar investindo em uma estrutura escolar que atende meia dúzia de crianças quando pode deslocá-las para uma escola maior em outro centro? Do ponto de vista econômico, ninguém pode ter dúvidas de que a atitude mais racional é garantir transporte para que essas crianças completem seus estudos em escolas maiores. Mas a questão educacional é mais complexa. Se uma só dessas crianças desistir de estudar por causa da alteração, a medida já se constituirá em fracasso, pois a verdadeira prioridade da educação tem de ser o aluno.

Evidentemente, cada caso deve ser examinado separadamente. Parece mesmo absurdo que uma escola pública seja colocada em funcionamento para atender a apenas um aluno. Mas é fundamental reconhecer que esse aluno merece total atenção do Estado, não pode ter sua formação interrompida nem dificultada. Tanto a Constituição Federal quanto a estadual garantem a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, assegurando, ainda, igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola. São esses fatores que devem ser levados em conta na decisão de fechar ou não uma escola pequena no meio rural.

Existe até uma máxima que merece reflexão em um momento em que se discute o fechamento de pequenas escolas no meio rural: uma sociedade que não constrói escolas acaba tendo que construir presídios.

A verdadeira prioridade. *In*: **Zero Hora**. ***Editoriais***, 23/1/2005, p. 12 (com adaptações).

TEXTOS PERTENCENTES AO DISCURSO LITERÁRIO

FÁBULA

- É um texto narrativo de caráter alegórico, que trabalha o imaginário e que pretende transmitir alguma lição de fundo moral, tendo geralmente animais como personagens. A fábula constitui uma forma muito simples de narrativa.
- Suas raízes remontam à Antiguidade greco-romana, com Esopo e Fedro. La Fontaine (poeta francês) foi quem introduziu e aprimorou as fábulas antigas, fazendo com que chegassem até nós.
- No Brasil, coube a Monteiro Lobato recriar as fábulas de La Fontaine e a Millôr Fernandes atualizar algumas das histórias clássicas. Millôr é também criador de algumas fábulas modernas cheias de humor e filosofia.

IMPORTANTE:

Quando uma fábula utiliza coisas como personagens, ela recebe o nome de **APÓLOGO.**

Veja o exemplo da **FÁBULA** abaixo, escrita por **Millôr Fernandes**:

A CAUSA DA CHUVA

Não chovia há muitos e muitos meses, de modo que os animais ficaram inquietos. Uns diziam que ia chover logo, outros diziam que ainda ia demorar. Mas não se chegava a uma conclusão.

— Chove só quando a água cai do telhado do meu galinheiro – esclareceu a galinha.

— Ora, que bobagem! – disse o sapo de dentro da lagoa. Chove quando a água da lagoa começa a borbulhar as gotinhas.

— Como assim? – disse a lebre. Está visto que só chove quando as folhas das árvores começam a deixar cair as gotas d'água que têm dentro.

Nesse momento, começou a chover.

— Viram? – gritou a galinha. O telhado do meu galinheiro está pingando. Isso é chuva!

— Ora, não vê que a chuva é a água da lagoa borbulhando? – disse o sapo.

— Mas como assim? – tornou a lebre. Parecem cegos! Não veem que a água cai das folhas das árvores?

MORAL: Todas as opiniões estão erradas.

Millôr Fernandes (com adaptações).

CRÔNICA

- É um texto narrativo que consiste no relato de acontecimentos (normalmente banais) do cotidiano, escrito em linguagem mais leve. A crônica difere do conto não apenas no tamanho, mas também na linguagem, já que busca a intimidade e o humor da anedota, numa linguagem cotidiana que encontra receptividade em todos os leitores.
- Esta modalidade apresenta também um narrador (que é o próprio autor), personagens (que se aproximam muito das pessoas que as leem), enredo, tempo e espaço. Na maioria dos casos, esses elementos são tratados por meio de uma linguagem mais poética.
- Embora a crônica tenha o caráter transitório de um jornal – já que ela nasceu dentro desse veículo de comunicação de massa, muitos cronistas contemporâneos conseguem captar *flashes*/circunstâncias do cotidiano de uma maneira tão lírica que fica difícil dizer que tais textos não assumem um caráter literário.

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro atrás da casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge e da alta saboneteira, que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Tudo sumira, mas o grande pé de fruta-pão ao lado da casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.

No último verão ainda o vi; estava como sempre carregado de frutos amarelos, trêmulo de sanhaços. Chovera: mas assim mesmo fiz questão de que Caribé subisse o morro para vê-lo de perto, como quem apresenta a um amigo de outras terras um parente muito querido.

A carta de minha irmã mais moça diz que ele caiu numa tarde de ventania, num fragor tremendo pela ribanceira; e caiu meio de lado, como se não quisesse quebrar o telhado de nossa velha casa. Diz que passou o dia abatida, pensando em nossa mãe, em nosso pai, em nossos irmãos que já morreram. Diz que seus filhos pequenos se assustaram; mas foram brincar nos galhos tombados. Foi agora, em fins de setembro. Estava carregado de flores.

Rubem Braga. _Cem crônicas escolhidas_. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1956.